

# DOIS DEDOS DE PROSA



Nº108 Recife|PE Março|2024



## Prosa de interesse Mulheres do campo e Justiça Climática

Saiba mais nas páginas 4 e 5



**A importância das políticas públicas para diminuir os efeitos das mudanças climáticas nas periferias das grandes cidades**

Página 2



**A Crise é Climática ou Ética?**

Página 6



**Mulheres na defesa da Borborema Agroecológica**

Página 7

Mês de março é mês de #lutafeminista e este DDP quer repercutir a luta das mulheres por vida digna no campo e na cidade para os quatro cantos do Brasil e do Mundo. Por isso, a gente traz aqui notícias de como a crise climática impacta de forma desigual as mulheres pretas, pobres e periféricas. São as mulheres as mais afetadas pelas secas e inundações, as que perdem suas moradias e meios de vida e são obrigadas a migrar. Justo aquelas que menos contribuíram para esta crise.

As soluções que o capital apresenta estão chegando com força aqui no Nordeste: os megaprojetos de energia eólica e solar, que chamam de energia limpa. Falsa solução, que revitimiza quem já sofre com o clima, adoce as pessoas, destrói a natureza e o modo de vida das comunidades. Isso é racismo ambiental!

As mulheres estão à frente da resistência e da luta por Justiça Climática. Exigem políticas públicas para a agroecologia e convivência com o ambiente, pois bem sabem que esta é a saída para enfrentar a crise e prevenir o agravamento de seus efeitos para esta e para as futuras gerações. Por isso seguimos em Marcha com as **Mulheres pela Vida, pela Agroecologia e pelo bem viver!**

**Boa Leitura!**

## A importância das políticas públicas para diminuir os efeitos das mudanças climáticas nas periferias das grandes cidades

Por Simone Arimatéia

assessora técnica em Agricultura Urbana e Periurbana.

**A**s mudanças climáticas já afetam nosso cotidiano. O ano passado, 2023, foi considerado, até então, o ano mais quente já registrado desde 1850. E agora, em janeiro e fevereiro, tivemos mais de 300 pessoas intoxicadas ao tomar banho de mar ou caminhar na areia por conta da maré vermelha, nas praias de Tamandaré, Maracaípe e Boa Viagem. Ou seja, o meio ambiente já aponta os sinais de seu desequilíbrio.

Nas periferias a questão climática e ambiental manifesta-se nos fenômenos que afetam a população das cidades, como, seca e falta de água, fortes chuvas, deslizamentos de barreiras, alagamentos e enxurradas. A quantidade de famílias desabrigadas ou em situação de insegurança habitacional por conta deste contexto é grande. Essas populações sofrem pela pouca ou quase inexistente arborização perto de suas casas, acentuando a sensação de calor com a alta das temperaturas.

Nas últimas décadas foram criadas leis, decretos e portarias que falam da necessidade de adoção de medidas de adaptação e mitigação para conter os efeitos das mudanças climáticas, porém elas são pouco acionadas.

Outras políticas públicas podem ser implementadas, tais como, plantio de árvores de médio e grande



Darliton Silva/Acervo Centro Sabiá

porte, criação de corredores verdes para diminuir o calor e criar pontos de infiltração da água, alargamento de leitos de rio, criação de soluções de moradia para as populações mais vulneráveis, e programas de assistência às famílias afetadas pelos desastres ambientais.

Há quem fale que não estamos vivendo uma mudança climática, mas uma crise climática sem precedentes. Para enfrentá-la precisamos de ações locais e globais. E é através da efetivação das políticas públicas já existentes, da criação de outras específicas a cada contexto urbano e da destinação de orçamento, que teremos as ferramentas necessárias para cuidar das pessoas que vivem nas periferias.

### Expediente:

Dois Dedos de Prosa é uma publicação do Centro de Desenvolvimento Agroecológico Sabiá. Rua do Sossego, 355, Santo Amaro, Recife/PE - CEP: 50100.150 - Fone: (81) 3223.7026 e(81) 3223.3323 - Email: [sabia@centrosabia.org.br](mailto:sabia@centrosabia.org.br) - [www.centrosabia.org.br](http://www.centrosabia.org.br) - DIRETORIA - Presidenta: Maria Verônica de Santana. Vice-presidenta: Sônia Lúcia Lucena Sousa de Andrade. Secretária: Tone Cristiano Feliciano da Silva. Conselho Fiscal: Alaide Martins dos Santos, Ivonete Lidia Vieira e Marilene Nascimento Melo. COORDENAÇÃO GERAL - Maria Cristina Aureliano de Melo Ramos; COORDENAÇÃO TÉCNICA PEDAGÓGICA: Aniéris Almeida; COORDENAÇÃO DE MOBILIZAÇÃO SOCIAL: Carlos Magno Morais. EQUIPE TÉCNICA NOS TERRITÓRIOS: Antônio Júnior, Edgar Caliento, Eliane Nery, Gabriel Hirata, Helenilson de Souza, Henrique Marinho, Janaína Ferraz, Juliana Peixoto, Lais Gomes, Maria Edineide, Nicléia Nogueira, Orlando Santana, Rivaneide Almeida, Rosana Paula, Simone Arimatéia e Wellington Gouveia. EQUIPE ADMINISTRATIVO FINANCEIRA: Demetrius Falcão, Elivânia Leal, Iran Severino, Ivanildo Júnior, Jullyana Lucena, Natália Porfírio e Pedro Eugênio. NÚCLEO DE COMUNICAÇÃO: Carol Barreto, Darliton Silva, João Lucas França e Rosa Sampaio. NÚCLEO DE MOBILIZAÇÃO DE RECURSOS: Breno Lacet e Eduardo Amorim. O Trabalho do Centro Sabiá recebe apoio das seguintes organizações: Misereor/KZE, Terre des Hommes Schweiz, Cáritas Alemã, PNUD, Manos Unidas, Progettoomondo, Inter-American Foundation (IAF), BNDES, Programa Cisternas e Programa Nacional de Agricultura Urbana/ Ministério do Desenvolvimento, Assistência Social, Família e Combate à Fome/ Governo Federal, Agência Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural/Ministério do Desenvolvimento Agrário/ Governo Federal (ANATER/MDA), Programa Fundação HUGO, Fórum Suape, Fundo Estadual de Meio Ambiente/Secretaria de Meio Ambiente e Sustentabilidade de Pernambuco (FEMA/SEMAS). EDIÇÃO: Rosa Sampaio DRT/PE: 3510 PROJETO GRÁFICO: Kelen Linck. DIAGRAMAÇÃO: Carol Barreto. IMPRESSÃO: Provisual Gráfica e Editora Ltda. TIRAGEM: 1000 (hum mil) exemplares.

Apoio: **terre des hommes schweiz** Oportunidades para jovens

Redes e articulações:





# Já ouviu falar do Projeto Baraúnas dos Sertões?

Por Aniérica Almeida

coordenadora Técnico Pedagógica do Centro Sabiá

O projeto Baraúnas dos Sertões está em curso em 23 territórios dos nove estados da Região Nordeste e envolve duas redes que trabalham com ATER: a Rede ATER NE de Agroecologia e a Rede Feminismo e Agroecologia. Além de outras duas que trabalham na perspectiva da Agroecologia e do feminismo como a Articulação Nacional de Agroecologia - ANA, por meio do seu GT de Mulheres, e a Articulação do Semiárido Brasileiro - ASA. A parceria se deu através de um Termo de Execução Descentralizada - TED realizado entre o Ministério de Desenvolvimento Agrário e da Agricultura Familiar - MDA e a Universidade Federal Rural de Pernambuco. O projeto prevê a formação de 250 agentes de assessoria técnica, 1000 famílias e 40 jovens agentes de desenvolvimento rural sustentável, a partir dos princípios da agroecologia, do feminismo e da convivência com o Semiárido. Possibilitando assim, a qualificação das ações da ATER como instrumento fundamental para o desenvolvimento do Semiárido brasileiro, buscando o aumento da renda e a garantia da segurança alimentar e nutricional das famílias, juntamente com o fortalecimento da autonomia das mulheres e das juventudes.

Além da oferta de formação para agentes de ATER e agricultores/as na modalidade especialização ou extensão, o projeto irá trabalhar com as Cadernetas Agroecológicas que é uma importante ferramenta que dá visibilidade à

importância do trabalho das mulheres para a Segurança Alimentar e Nutricional, para a geração de renda e para a agrobiodiversidade. Também acontecerão diversos intercâmbios para a troca de experiências e a promoção do fortalecimento da gestão do conhecimento com sistematizações e divulgação das experiências do projeto que permitam a replicabilidade dos casos de sucesso. As mulheres, com destaque para as jovens, estão na centralidade de todas as ações do projeto. Para a jovem Felícia Panta que é bolsista do projeto, fazer parte do Baraúnas tem sido uma jornada bem desafiadora. “Ele chega numa hora oportuna, e traz consigo um leque de oportunidades para mim enquanto jovem multiplicadora do projeto. Além de ter a chance de fazer um curso de especialização em ATER, vejo esse projeto como uma forma de explorar novos caminhos, territórios e oportunidades”, explica Felícia. É com essa força mobilizadora que o projeto Baraúnas dos Sertões chega para fortalecer a ATER agroecológica e feminista no Semiárido brasileiro pois como disse o poeta Caio Meneses:

**“Assim será soberana  
A mão de cada mulher!  
Não se pode decidir  
E nem pensar na ATER,  
Sem a mulher poder ser  
Aquilo que ela quiser.”**



Marca do projeto Baraúnas do Sertão



# Mulheres do Campo e Justiça Climática

Por Verônica Santana

agricultora assentada agroecológica, educadora popular feminista e presidenta do Centro Sabiá

Arquivo Pessoal/Verônica Santana



Quando pensamos em Justiça Climática, temos que pensar como as mudanças climáticas vem afetando de forma diferenciada alguns segmentos sociais, pessoas que vivem em áreas marginalizadas, sem condições de moradia e saneamento básico, ou no campo, onde os modos de vida dependem das relações com o meio ambiente, são afetadas de forma diferenciada, logo, mesmo sendo um problema global, os impactos são desiguais. São as populações periféricas que sofrem mais com as enchentes, por exemplo. É sobre as regiões com escassez de água que teremos nossas vidas ameaçadas, com a perda da biodiversidade e com aumento da fome.

Nesse contexto, temos moradoras e moradores desses territórios, população negra e periférica, indígenas e agricultoras e agricultores familiares que têm seus modos de vida reproduzidos a partir das relações com o território. As mulheres negras, que historicamente tiveram direitos negados, sofrem com desemprego ou falta de terra, junto às juventudes, e têm sido as principais impactadas pela crise climática. Estima-se que três bilhões de pessoas no mundo vivem em lugares vulneráveis à crise climática (fonte IPCC). E que as mulheres representam 80% das pessoas forçadas a migrar por mudanças climáticas, segundo a ONU. Outra questão importante é que as mudanças que estamos vivenciando é impulsionada pela ação humana, pelos modos de produção capitalista e tende, cada vez mais, a se agravar.

Para nos ajudar a entender esses fenômenos, e como eles aprofundam as desigualdades,



Ana Mendes/Acervo Centro Sabiá

além da ciência, os movimentos têm debatido e vem formulando conceitos, que temos aprofundados na elaboração de estratégias de resistência e resiliência ao clima. Entendermos o racismo ambiental e como ele se dá no campo, no espaço rural, é jogar luz nas nossas reflexões sobre os impactos dos grandes projetos nos nossos territórios. São sempre sobre nossos territórios ou sobre nossos corpos territórios. Quando para nós, mulheres do campo, a realidade é que a cada ano aumenta-se o deslocamento para buscar água ou a perda das nossas sementes e da biodiversidade, contribuindo assim para o aumento da insegurança alimentar.

As mulheres que têm tido papel de manutenção dos territórios, são as principais impactadas, também são as protagonistas na resistência. Aqui trago as mulheres do Polo da Borborema, na Paraíba, que há 15 anos constroem a Marcha

pela Vida das Mulheres e pela Agroecologia, sempre realizada no mês de março. Este é o segundo ano que a marcha faz a denúncia dos impactos das energias renováveis nos territórios camponês e agroecológico. Com o lema "Energia renovável, sim! Mas não assim!", as mulheres seguem denunciando uma série de prejuízos às famílias na produção de alimentos vegetais e de pequenos animais, e na saúde da população.

A Marcha das Margaridas, importante ação das mulheres do campo, das florestas e das águas, também tem feito denúncia dessas falsas soluções, trazendo proposta para as políticas públicas e no debate da Marcha com lema Proteção da Natureza com Justiça Ambiental e Climática, que além de problematizar a questão, traz como superação as sabedorias das mulheres que precisam ser escutadas nos diversos espaços de decisão

das discussões do clima.

As mulheres também têm protagonizado as lutas e os processos de produção agroecológica, que tem mostrado serem mitigadores dos efeitos da crise do clima. Sendo nós, as mulheres, responsáveis pela biodiversidade, podemos afirmar "Sem Feminismo não há Agroecologia, ou ainda "Se tem racismo, não é Agroecologia.

Logo, lutar por justiça climática é lutar por todas formas de desigualdade de gênero, raça e intergeracional. Reconhecer os saberes das populações, em especial das mulheres, do campo, das florestas e das águas, promovendo a participação nos espaços de decisão. Proteção dos territórios como espaços de vida, livre de todas as violências.



# A Crise é Climática ou Ética?

Por Carlos Magno

coordenador de Mobilização Social do Centro Sabiá

O termo "crise climática" captura a gravidade da situação global, um alerta de que ultrapassamos o estágio de meras mudanças do clima para enfrentar uma realidade sem precedentes. O Banco Mundial projeta que, até 2050, mais de 200 milhões de pessoas serão forçadas a migrar dentro de seus próprios países devido à escassez de água, declínio na produtividade agrícola e a elevação do nível dos mares. Esses desafios, já uma realidade nos semiáridos, demandam ações urgentes e eficazes.

As Conferências das Partes (COPs) da ONU se consolidaram como plataformas vitais onde países, sociedade civil e setor privado convergem para debater e apresentar progressos na agenda climática. A escolha de um executivo da indústria petrolífera para presidir a COP28 em Dubai ilustrou um conflito de interesses, gerando debates acalorados sobre a influência das indústrias de combustíveis fósseis nas políticas climáticas globais.

A justiça climática se concretiza à medida que se reconhece a revolução industrial e o papel desproporcional do Norte global na crise atual. Por uma questão de responsabilidade histórica e ética, esses países devem efetuar ações que contribuam significativamente para a mitigação e adaptação climáticas, além de reduzirem drasticamente suas próprias emissões.

As comunidades mais vulneráveis, que historicamente contribuíram menos para o acúmulo de gases de efeito estufa, enfrentam



Luca Zanetti/Acervo Centro Sabiá

os impactos mais severos. Agricultores familiares, comunidades quilombolas e indígenas, que dependem diretamente do equilíbrio climático para sua subsistência, estão na linha de frente desta crise. A necessidade de redirecionar recursos financeiros dos maiores poluidores para estratégias de mitigação nessas comunidades nunca foi tão urgente. A transição para uma matriz energética justa e sustentável deve priorizar o bem-estar destas populações, garantindo que a justiça climática se traduza em ações concretas.

A realização da COP30 em Belém do Pará, em dezembro de 2025, abre uma janela de oportunidades para trazer à tona a relevância do

Bioma Caatinga e as estratégias de convivência com o Semiárido. Este evento não só permite destacar os desafios enfrentados por estas regiões, mas também compartilhar com o mundo as lições aprendidas sobre resiliência e adaptação climática. A COP30 deve ser um marco na inclusão de vozes historicamente marginalizadas no debate global sobre clima, enfatizando que somos mais do que um território de exploração de energia "limpa"; somos guardiões de conhecimentos fundamentais para o combate ao aquecimento global e para a promoção de uma convivência com o Semiárido centrada nos seres humanos.



# Mulheres na defesa da Borborema Agroecológica

Por Adriana Galvão Freire

integrante da Coordenação Colegiada da AS-PTA na Paraíba.



Tulio Martins/Arquivo As-pta

O ano era 2018, quando uma assessora da AS-PTA ao voltar para o escritório encontrou um anemômetro no centro do território agroecológico da Borborema, na Paraíba. Esse foi o sinal de alerta recebido pelo Polo da Borborema, uma articulação de 13 sindicatos de trabalhadores e trabalhadoras rurais assessorados pela AS-PTA. A chegada dos complexos geradores de energia eólica e fotovoltaica é provavelmente a maior ameaça ao projeto de desenvolvimento assentado no fortalecimento da agricultura familiar de base agroecológica, tecida pelo Polo, nos seus quase 30 anos de existência.

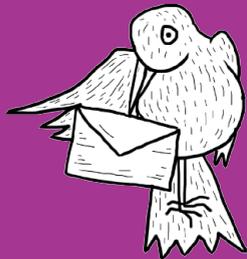
Para a instalação dos complexos de produção de energia é necessário uma vasta quantidade de terra, numa clara disputa e apropriação do território. Por trás da narrativa do “progresso”, do “desenvolvimento sustentável” e da “geração de renda”, as empresas estrangeiras se apoderaram e mercantilizam bens comuns, provocando danos irreparáveis ao meio ambiente, acentuando a crise climática; à saúde física e mental das pessoas locais; ao tecido social e a organização comunitária; a continuidade da agricultura e pecuária como modo de vida; e ao trabalho, à saúde, à vida e aos corpos das mulheres e meninas agricultoras. Os contratos abusivos com as empresas e feito sob cláusula de sigilo comprometem o futuro das agriculturas e a produção de alimentos na região.

O movimento de mulheres do Polo da Borborema chamou para si a luta pelo direito de existir e permanecer nas terras em que se criaram, produziram e construíram resiliência. Por meio da Marcha pela Vida das Mulheres e pela Agroecologia, a rede de agricultoras do Polo fez das últimas edições - 2022 e 2023, e deste ano 2024, denúncia dos prejuízos sociais e econômicos por esses empreendimentos.

Durante as Marchas, cerca de 5 mil mulheres camponesas ocupam as ruas das pequenas cidades que compõem o Polo (Solânea, Montadas e Areial), para juntas soprarem suas palavras de ordem em defesa do seu lugar, do seu projeto de vida.

Um ano em que vivemos picos de temperatura e chuvas intensas, a transição energética vem sendo apresentada nos meios de comunicação como alternativa limpa e moderna para mitigar os efeitos climáticos, sem abordar o custo social tão elevado dessas geradoras.

No campo e nas ruas, as camponesas clamam pela preservação da natureza, das terras de produção de alimentos, pelo reconhecimento e valorização de suas experiências sociais, na relação entre a natureza e a cultura, como um projeto de desenvolvimento legítimo para o território, que respeita e protege as interações das diversas formas de vida.



Por **Doracy Anunciada**

agricultora assessorada pelo Centro Sabiá.

Meu nome é Doracy Anunciada, tenho 41 anos e sou agricultora desde que me entendo por gente. Moro no Sítio Alto do Rosário, em Vertente do Lério, no agreste pernambucano. Sou mãe de três filhos. Fui casada e comecei a produzir queijos, manteiga e doces em 2022. Passei por uma separação recente, que foi bem difícil, achei em alguns momentos que não ia conseguir. Mas lutei pela minha cozinha, que consegui pelo Fundo Rotativo, também com o apoio do Sabiá, pelas minhas produções e criações e hoje, graças a Deus e ao apoio do Centro Sabiá, em todos os sentidos, não desisti. Continuei a fazer meus queijos, manteigas, doces, agora estou fazendo o doce de caju, as castanhas, vendendo os meus ovos, tenho meus clientes e chegam mais. Estou fazendo um queijo com o coalho natural, para quem precisa e gosta do queijo mais natural, e já tem um pessoal fiel comprando.

Vendo nas feiras agroecológicas de Surubim e João Alfredo, estou conseguindo me manter e manter a minha família, realizando os meus sonhos, sem mais ter medo da violência, essa doméstica que sofri, consegui sair desse sofrimento, estou me sentindo liberta. É muita coisa: filhos, a casa, o roçado, os bichos, a produção, mas como mulher me sinto hoje feliz!

### Tecnologia de Reúso de Água Cinzas no Sistema Agroflorestal beneficia jovens agricultoras do Semiárido

Por **Valdirene Alves**

jovem agricultora do Sertão do Pajeú e integrante da Comissão de Jovens Multiplicadoras/es de Agroecologia (CJMA)

O Reuso de Águas Cinzas no Sistema Agroflorestal (RAC/SAF) chegou a minha propriedade em novembro de 2021 e em fevereiro 2022 foi implantado o SAF, que vem trazendo benefícios para o meio ambiente com a recuperação do solo que já estava bem degradado, e também a gente viu como trabalhar com consórcio de várias plantas, produzindo alimentos tanto para os seres humanos como os animais.

No final de 2022 fui convidada para ser agricultora multiplicadora do projeto RAC/SAF, onde participei de pesquisas de intercâmbios, de reuniões onde o foco era escutar os agricultores e entender as demandas, as necessidades que os agricultores ainda tinham em relação aos sistemas agroflorestais. Ainda neste ano, através de uma indicação da CJMA, juntamente com grupo de mulheres da minha comunidade, tivemos a oficina de ação e fotografia com o fotógrafo do Recife, do projeto apoiado pelo Funcultura/Governo do Estado de Pernambuco, onde produzimos uma cartilha para divulgar os nossos sistemas agroflorestais, o RAC, onde fizemos as comparações do sistema que foi implantado na nossa comunidade em 2018 e o meu, que foi em 2022.

Com esses projetos tive a curiosidade de conhecer novas experiências onde participei, durante uma semana, de um vivência em Exu - PE, onde adquirimos mais conhecimento para o agroecossistema e a agroecologia. Nós, sertanejas, filhas de agricultores, lutamos para diminuir o êxodo rural e para ter um sistema agroflorestal, onde podemos tirar renda e alimento e nos encher de



Arquivo Pessoal/Valdirene Alves

uma certa esperança. Aqui no Sertão, onde a água é tão escassa, uma água que era descartada, hoje é tratada e gera alimentos.

É uma riqueza para mim que tem apenas uma cisterna de 16 mil litros, que é para o nosso consumo, meu e minha família e agora, ao mesmo tempo, tenho água para produzir alimentos para nós e para os animais. Sabemos que o SAF não é algo que você planta hoje e colhe amanhã, mas sim algo que você vai ter a longo prazo, que precisamos nos reinventar todos os dias, precisamos estar ali vendo que a nossa terra está precisando, existe um processo muito grande de adaptação das plantas, um processo árduo que nossa força de vontade faz com que não desistimos, o que nos motiva é saber que estamos plantando o futuro para que nossos filhos e netos possam crescer na agroecologia, com a vida mais sustentável.

O RAC/SAF traz a esperança dos sertanejos de ter algo para irrigar nossas plantações de ter água durante o ano todo para as plantas porque sabemos que quando chega agosto, setembro, outubro e novembro, esses quatro meses do ano é difícil com a seca e é difícil ter a ração animal, conseguimos ter ração animal estocada vindo do rac safe, nós agricultores cuidar para que futuramente nossas terras estejam lá saudáveis livre de agrotóxicos.



O jornal Dois Dedos de Prosa também está disponível para leitura na versão mobile. Baixe agora em nosso site: [www.centrosabia.org.br](http://www.centrosabia.org.br)

